



O “CASO TINGA” NO PERU E SUA DIVULGAÇÃO PELA REDE GLOBO DE TELEVISÃO NO BRASIL: UM NOVO PARADIGMA DE REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS NA TELEVISÃO BRASILEIRA?¹

GT11: Comunicação e Estudos Sócio culturais

Sales Augusto dos Santos²

Resumo

O artigo demonstra que a Rede Globo de Televisão, a segunda maior rede de televisão comercial do mundo, tem histórico de representar os negros brasileiros de forma estigmatizada e/ou subalterna em suas telenovelas, assim como de negar o racismo na sociedade brasileira nos seus telejornais. Contudo, essa rede de televisão divulgou amplamente o insulto racial praticado pela torcida time Real Garcilaso, do Peru, contra o jogador Tinga, do Cruzeiro Futebol Clube, do Brasil, passando a imagem de repúdio ao racismo. Ou seja, de que estaria mudando a sua visão sobre as relações raciais.

Palavras-chave: Rede Globo; “Caso Tinga”; Futebol; Taça Libertadores; Racismo; Peru; Brasil.

¹ Artigo submetido ao **GT11: Comunicação e Estudos Socioculturais**, do **XII Congresso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC)**. Lima/Peru: 6, 7 y 8 de agosto 2014.

² Pós-Doutor em Sociologia pela Brown University, Providence/Rhode Island-EUA; membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade de Brasília (UnB), Brasília-Brasil; e professor de Sociologia na Escola de Ciências Jurídicas da Faculdade Projeção, *campus* de Taguatinga, Brasília-DF. E-mail: salesaugustodossantos@gmail.com

Introdução

No dia 12 de fevereiro de 2014, em uma partida de futebol entre o Cruzeiro Futebol Clube, do Brasil, e o Real Garcilaso, do Peru, pela Taça Libertadores da América, na cidade de Huancayo, no país andino, o meio-campista do time brasileiro Tinga (Paulo César Fonseca do Nascimento), um jogador negro, foi insultado racialmente em face da sua cor escura. A torcida do time peruano, cuja maioria absoluta dos integrantes presentes ao estádio tinha fenótipo marcadamente indígena, insistentemente fazia gestos e sons imitando macacos, em todas as vezes que o jogador tocava na bola.

O fato vexaminoso foi divulgado amplamente pelos meios de comunicação no Brasil, a ponto de a presidenta brasileira Dilma Rousseff se manifestar, no dia seguinte, sobre o ocorrido. Segundo ela, “foi lamentável o episódio de racismo contra o jogador Tinga, do Cruzeiro, no jogo de ontem, no Peru. (...) Ao sair do jogo, Tinga disse que trocava seus títulos por um mundo com igualdade entre as raças. Por isso, hoje o Brasil inteiro está #FechadoComOTinga”³. O pronunciamento da chefe do governo brasileiro também levou, ao que tudo indica, o presidente do Peru, Ollanta Humala, a se manifestar sobre o ocorrido e a condenar a então discriminação racial praticada. Segundo o presidente peruano, “um país com tanta diversidade como o nosso, o que fortalece nossa identidade, com todas as culturas, não deve admitir reações racistas de nenhum tipo”⁴.

Não foi a primeira vez que ocorreu fato como este em uma partida de futebol da Copa Libertadores da América e provavelmente não será a última. Discriminações raciais já ocorreram em estádios brasileiros durante partidas de futebol na disputa

³ Extraído de: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/02/1411579-dilma-manifesta-apoio-a-tinga-apos-racismo-no-peru.shtml>. Acessado em 05 de março de 2014.

⁴ Extraído de: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/02/1411935-presidente-do-peru-condena-ofensas-racistas-a-tinga.shtml>. Acessado em 05 de março de 2014.

por esta copa. Por exemplo, em 13 de abril de 2005, na partida entre o São Paulo Futebol Clube, do Brasil, e o Quilmes, da Argentina, realizada no estádio do Morumbi, na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, o então zagueiro do Quilmes, Leandro Desábato, proferiu injúrias racistas contra o atacante Grafite (Edinaldo Batista Libânio), do São Paulo Futebol Clube. Depois de uma disputa de bola entre Grafite e o outro zagueiro argentino, Arano, Desábato aproximou-se de Grafite e não somente xingou-o de “macaco”, como disse o seguinte: “Negrito de mierda, enfia la banana en el culo”. O Atacante Grafite reagiu e agrediu fisicamente o zagueiro do time argentino, empurrando o seu rosto⁵. Após o jogo, Leandro Desábato foi preso na cidade de São Paulo, onde ficou dois dias na cadeia. Este caso foi divulgado na edição de 14 de abril de 2005, do *Jornal Nacional* da Rede Globo de Televisão⁶, além de ser divulgado em vários outros meios de comunicação de massa. Na época nem o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, nem o presidente da Argentina, Néstor Carlos Kirchner, se manifestaram sobre o caso.

Os dois casos acima se referem a jogos da Copa Libertadores da América. Portanto, são jogos internacionais e, talvez, por isso os meios de comunicação brasileiros, especialmente os grandes canais televisivos, tenham-lhes dado tanta repercussão. Mas internamente, isto é, em jogos de campeonatos estaduais ou nacionais brasileiros, também já houve casos de racismo não somente de parte das torcidas dos times, mas também de jogadores brancos brasileiros contra os negros, embora sem tanta divulgação ou espetacularização. Por exemplo, em 05 de março de 2006, no jogo entre o Grêmio Futebol Clube e o Juventude Futebol Clube, na cidade de Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, o então

⁵ Extraído de: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,,AA946802-4277,00.html> e <http://esportes.r7.com/futebol/times/palmeiras/area-publica/noticias/ofensa-racista-marcou-fim-da-carreira-de-antonio-carlos-recorde-outros-casos-no-futebol-brasileiro-20100416.html>. Acessado em 05 de março de 2014.

⁶ Extraído de: <http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL559817-10406,00-DESABATO+CONTINUA+PRESO+POR+RACISMO.html>. Acessado em 05 de março de 2014.

zagueiro do Juventude, Antônio Carlos, que integrara a Seleção Brasileira de Futebol, proferiu injúrias racistas contra o volante Jeovânio, do Grêmio, que se sentiu ofendido. Segundo Jeovânio, “o Antônio Carlos foi maldoso. Fiquei chateado com o que aconteceu, mas isso tem de ser coibido pelas autoridades. Não quero mais falar sobre o assunto”⁷. As autoridades futebolísticas brasileiras, ou melhor, as instituições responsáveis pelo futebol brasileiro puniram o zagueiro do Juventude, Antônio Carlos, suspendendo-o por 120 dias⁸. Mas não fora a primeira vez que fatos criminosos como este aconteceram no campo do Juventude. Em uma partida realizada pelo campeonato gaúcho, entre o Internacional Futebol Clube, equipe que Tinga defendia na época, e o Juventude, no dia 22 de outubro de 2005, a torcida do Juventude insultava o jogador Tinga todas as vezes que ele tocava na bola, xingando-o de “macaco”⁹. Mas, nesses dois casos, mais uma vez então o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, sequer tocou no assunto.

Mas no “Caso Tinga”, acontecido em um estádio no Peru, foi diferente, visto que houve manifestações tanto da presidenta brasileira como do presidente do Peru, condenando o episódio, algo que não é comum no “país das chuteiras” nem no país andino. Mas o fato novo que mais nos interessa aqui foi a estrondosa repercussão do episódio na mídia brasileira. Em face do espaço que temos para escrevermos este artigo, focaremos apenas a repercussão no Brasil. Mais ainda, analisaremos a sua incursão apenas por alguns programas da Rede Globo de Televisão.

⁷ Extraído de: <http://esportes.terra.com.br/futebol/estaduais2006/interna/0,,OI905409-EI6195,00-Gremio+acusa+Antonio+Carlos+do+Juventude+de+racismo.html>. Acessado em 05 de março de 2014.

⁸ Extraído de: <http://esportes.r7.com/futebol/times/palmeiras/area-publica/noticias/ofensa-racista-marcou-fim-da-carreira-de-antonio-carlos-recorde-outros-casos-no-futebol-brasileiro-20100416.html>. Acessado em 05 de março de 2014.

⁹ Extraído de: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2014/02/apos-episodio-no-peru-tinga-lamenta-racismo-no-brasil-voce-ve-no-olhar.html#atleta-tinga> e <http://esportes.terra.com.br/cruzeiro/tinga-ja-foi-alvo-de-racismo-em-2005-no-rio-grande-do-sul,bada2c4b82b24410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>. Acessado em 05 de março de 2014.

A Rede Globo de Televisão e sua representação dos negros e das relações raciais no Brasil

Antes de entrarmos diretamente no tema deste artigo, deve-se destacar que a Rede Globo de Televisão cobre quase todo o território brasileiro, pois alcança 98,44% dele, levando sua programação para aproximadamente 150 milhões de pessoas que a assistem diariamente¹⁰. Não bastasse isso, ela é a segunda maior rede de televisão aberta e/ou comercial do mundo, ficando atrás apenas da emissora ABC, do grupo *American Broadcasting Company*¹¹. Portanto, não se pode negar que ela tenha grande e forte poder de difusão da representação de grupos sociais, étnico-raciais, entre outros, além da difusão de ideologias e estigmas, inclusive raciais (algo que ficou demonstrado na sua cobertura do processo de aprovação do Estatuto da Igualdade Racial como se verá a seguir).

As reportagens da Rede Globo de Televisão que cobriam o tema do processo de aprovação do Estatuto da Igualdade Racial foram editadas para induzir os telespectadores a aceitarem o ponto de vista das Organizações Globo, qual seja, ser contra as políticas de ações afirmativas para a população negra, assim como negar a afirmação dos movimentos negros de que a população negra é discriminada no Brasil por causa da sua cor e não porque a maioria absoluta desse grupo racial é pobre; operacionalização ideológica da negação do racismo que se fazia na mídia televisiva com habilidade e sutileza ou parcialidade explícita, dependendo da visão acrítica ou crítica do telespectador.

¹⁰ Extraído de: http://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_Globo. Acessado em 22/03/2014.

¹¹ Extraído de: <http://www.midiainteressante.com/2008/11/as-maiores-emissoras-de-televisao.html>. Acessado em 22 de março de 2014.

No geral, nas reportagens do Jornal Nacional (JN)¹² que cobriam o tema “ações afirmativas”, a última pessoa que enunciava o seu pensamento ou era entrevistada, em geral se posicionava contrariamente às políticas de ações afirmativas para a população negra contidas no então projeto do Estatuto da Igualdade Racial e/ou afirmava que os negros eram discriminados porque são em sua maioria pobres e não porque são negros, não havendo necessidade de tais políticas para este grupo racial. Mais ainda, havia a estratégia de se colocarem cidadãos ou cidadãs negras falando contra tais políticas. Foi o caso de José Carlos Miranda, cidadão negro, coordenador do Movimento Negro Socialista (MNS), que cumpriu esse papel na reportagem do *Jornal Nacional* da Rede Globo de Televisão, exibida na edição 20 de maio de 2008¹³, entre outras.

Vale acrescentar que o MNS foi fundado em 13 de maio de 2006 para lutar contra o Estatuto da Igualdade Racial, assim como contra qualquer forma de ação afirmativa para a população negra. Segundo o movimento:

Constituído em 13 de maio de 2006 em São Paulo, o comitê por um Movimento Negro Socialista (MNS) é fruto da discussão entre antigos militantes socialistas e negros **preocupados com o rumo da discussão sobre o combate ao racismo**, a relação com a luta de classes e a luta pela libertação de todo povo oprimido no Brasil e no mundo (...). **Dentre as campanhas deliberadas pela Reunião de 13 de maio, a luta contra o estatuto da igualdade racial ganhou enorme destaque na mídia e nas massas, a firme posição do MNS de combater as políticas de “ação afirmativa” e a**

¹² Principal telejornal produzido e exibido pela Rede Globo de televisão, foi ao ar em 1º de setembro de 1969.

¹³ Extraído de: <http://www.youtube.com/watch?v=KbeQzceb828&feature=related>. Acessados em 3 de janeiro de 2011.

política de cotas raciais e constituição de uma frente ampla com intelectuais, artistas, outros movimentos negros, sindicalistas, etc., se constituiu numa referência para os marxistas na discussão e posicionamento na luta pela igualdade e contra as armadilhas das políticas incentivadas pela ONU, ONG's, Governo¹⁴.

Quase que instantaneamente, José Carlos Miranda, um dos membros do Movimento Negro Socialista (MNS), foi alçado a líder dos movimentos negros brasileiros, passando a ter espaço frequente na grande mídia televisiva para se manifestar contra o Estatuto da Igualdade Racial, como, por exemplo, na edição de 18 de novembro de 2007 do *Jornal Nacional* da Rede Globo de Televisão, quando ele, entre outros indivíduos, foram entregar ao Presidente da Câmara dos Deputados o livro *Divisões perigosas. Políticas raciais no Brasil Contemporâneo*¹⁵ (2007), organizado pelos intelectuais Peter Fry, Yvonne Maggie, Marcos Chor Maio, Simone Monteiro e Ricardo Ventura dos Santos.¹⁶ O livro, não só condena políticas de ações afirmativas para a população, como forma de minimizar o racismo contra os afro-brasileiros, como, em última instância, nega a existência do racismo no Brasil como algo histórico, cultural e estrutural.

Ao que tudo indica, havia uma estratégia da TV Globo para atacar de forma latente o então projeto do Estatuto da Igualdade Racial, que parece ter sido

¹⁴ Extraído de: <http://www.mns.org.br/index2.php?programa=movimento.php>. Acessado em 3 de janeiro de 2011.

¹⁵ Aliás, segundo o próprio livro, “os textos, curtos porém densos, **foram publicados, em sua maioria, em jornais e revistas dirigidas para o grande público**, e alguns deles foram especialmente preparados para este livro. **Divulgados nos últimos quatro anos**, quando colocados em conjunto ganham uma organicidade que ultrapassa os recortes específicos de reflexão que os caracterizam individualmente” (Fry *et al*, 2007: 18, grifo nosso). Esta afirmação do próprio livro confirma a nossa assertiva de que a grande mídia impressa divulgava naquela conjuntura (toda a década de 2000) maciçamente opiniões contra o Estatuto da Igualdade Racial e/ou o sistema de cotas para estudantes negros nas universidades públicas.

¹⁶ Extraído de: <http://www.youtube.com/watch?v=LLCVfDn2K00&feature=related>; Acessado em: 3 de janeiro de 2011.

traçada pelo Diretor Executivo de jornalismo da Rede Globo de Televisão, Ali Kamel, que se posicionou explicitamente contra as políticas de ações afirmativas para estudantes negros nas universidades públicas, especialmente contra o sistema de cotas, quando publicou, em 2006, o livro *Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor*, cujo título procura insinuar que o Brasil não discrimina racialmente os negros. Não se precisa de profundas reflexões para se ter uma ideia do poder de influência desse diretor sobre as redações dos jornais, telejornais e outros programas das Organizações Globo, no sentido de impor direta ou indiretamente o seu pensamento sobre as relações raciais no Brasil: de “harmonia racial” ou, caso se queira, de “ausência de discriminação racial no Brasil contra os negros”.

Como exemplo dessa influência e dos ataques supracitados, pode-se observar o apoio da Rede Globo de televisão, assim como de outros meios de comunicação de massa das Organizações Globo, por meio de uma cobertura parcial, à ação de alguns agentes sociais contrários ao então projeto do Estatuto da Igualdade Racial e qualquer mudança nas relações raciais brasileiras, que eram e ainda são assimétricas e perniciosas. Por exemplo, no ano de 2008, a professora Yvonne Maggie, militante intransigente contra as políticas de ações afirmativas para estudantes negros, junto com outros intelectuais e ativistas, se deslocou do Estado do Rio de Janeiro e para Brasília, capital do Brasil, para entregar ao então Presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Ministro Gilmar Mendes, um manifesto contrário ao sistema de cotas. O *Jornal Nacional* da Rede Globo de Televisão mostrou esse evento na edição de 30 de abril 2008, data da entrega do manifesto no STF. Além da função manifesta de questionar os vários sistemas de cotas que estavam sendo implementados pelas universidades públicas, o manifesto também tinha uma função latente, qual seja, indicar ou literalmente ser um “aviso” para os parlamentares brasileiros de que, se o projeto do Estatuto da

Igualdade Racial fosse aprovado no Congresso Nacional, a sua constitucionalidade seria arguida no STF.

A repórter da Rede Globo de Televisão que fez a cobertura do evento para o Jornal Nacional, Poliana Abritta, corroborando a ideologia do livro *Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor*, do Diretor Executivo de jornalismo da Rede Globo de Televisão, Ali Kamel, afirmou meias verdades sobre o referido projeto e tentou induzir os telespectadores a apoiar as ideias dos agentes sociais contrários ao sistema de cotas e ao projeto do Estatuto, mesmo havendo uma pesquisa de 2006, do instituto DataFolha, informando que 65% da população brasileira era a favor do sistema de cotas para os estudantes negros. Assim, a repórter asseverou que:

A decisão de vir ao STF foi tomada porque aqui estão em julgamento duas ações contra a política de cotas. Uma delas atinge o Prouni, o programa de bolsas do governo federal que dá preferência aos negros graças às cotas. A outra contesta o mesmo critério usado nos vestibulares das universidades estaduais do Rio de Janeiro. O manifesto lembra que a própria Constituição proíbe os governos de criar distinções entre brasileiros.¹⁷

Da forma como a repórter Poliana Abritta informou os telespectadores, tem-se a impressão de que no Prouni há sistema de cotas somente para os estudantes negros, o que não é correto neste caso, visto que os seus beneficiados são estudantes de baixa renda, professores de escolas públicas, portadores de deficiência física, negros (pretos e pardos) e indígenas, conforme estabelece a Lei

¹⁷ Extraído de: <http://www.youtube.com/watch?v=KbeQzceb828&feature=related>. Acessado em 3 de janeiro de 2011.

nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005, que instituiu o Programa Universidade Para Todos.

Além disso, a referida repórter afirmou que é proibido fazer distinções entre os brasileiros de acordo com a Constituição Federal brasileira, mas não informou aos telespectadores que, já naquela época, um dos ministros do STF, Marco Aurélio de Mello, não somente defendia que as ações afirmativas são constitucionais, como demonstrou em artigos que elas estão abrigadas na Constituição Federal (cf. Santos, 2007)¹⁸. Ou seja, a repórter sai do seu papel de jornalista e, com autorização tácita da emissora que a emprega, “incorpora” o papel ou o cargo de “ministra” do STF, apresentando e julgando o tema que ela deveria cobrir de forma imparcial. Assim, novamente, a referida rede de televisão faz o complemento da ação de ataque manifesto contra o sistema de cotas e, de forma latente, contra o Estatuto da Igualdade Racial, iniciada por intelectuais e ativistas contrários ao estatuto e ao sistema (Santos, 2006).

Por outro lado, na mesma cobertura jornalística, recorre-se à tática de colocar cidadãos negros se posicionando contra as ações afirmativas para a população negra, como foi o caso de José Carlos Miranda, do Movimento Negro Socialista (MNS) – cuja fala, contrária ao sistema de cotas, como já informado

¹⁸ Posteriormente, em 26 de abril de 2012, o ministro Marco Aurélio Mello, em seu voto no julgamento da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 186, que questionava o sistema de cotas para estudantes negros implementado pela Universidade de Brasília (UnB), não só considerou essa ADPF improcedente e ratificou que as políticas de ação afirmativa são constitucionais, como deu exemplos concretos das suas técnicas de implementação abrigadas na Constituição brasileira. Conforme o ministro Marco Aurélio de Mello, a Constituição brasileira “(...) agasalha amostragem de ação afirmativa, por exemplo, no artigo 7º, inciso XX, ao cogitar da proteção de mercado quanto à mulher e ao direcionar a introdução de incentivos; no artigo 37, inciso VIII, ao versar sobre a reserva de vaga – e, portanto, a existência de quotas – nos concursos públicos, para os deficientes; no artigo 170, ao dispor sobre as empresas de pequeno porte, prevendo que devem ter tratamento preferencial; no artigo 227, ao fazê-lo também em relação à criança e ao adolescente” (Mello, 2012: 08). Em realidade, todos os dez ministros que participaram desse julgamento foram favoráveis ao sistema de cotas da UnB para estudantes negros, assim como de qualquer outra universidade pública, contradizendo o julgamento antecipado e equivocado da jornalista Poliana Abritta, com a autorização tácita da Rede Globo de Televisão.

anteriormente, encerrou a reportagem –, e da estudante Esteffane Ferreira, do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso (DCE/UFMT) – que aparece no meio da reportagem afirmando que “o governo, ele deve investir nas escolas públicas desde já, desde o ensino básico, onde todas as crianças tenham ensino de qualidade independente da sua cor ou raça” [sic].

Observa-se nessa e outras reportagens do Jornal Nacional que não somente a divulgação de posicionamento contrário às políticas de inclusão racial no ensino superior brasileiro, mas também a tese de que não há desigualdade racial no Brasil, mas sim desigualdade classe social, como afirma a estudante negra Esteffane Ferreira no subtexto da sua fala, ao enunciar que investimentos do governo federal deveriam ser feitos nas escolas públicas. É que a expressão “estudantes de escola pública” é um código cifrado para estudantes pobres ou de baixa renda no Brasil¹⁹. Aliás, a Rede Globo de Televisão e as Organizações Globo têm histórico de defesa das relações raciais brasileiras como sendo harmoniosas, sendo as desigualdades nessas relações explicadas por fatores econômicos e não pelo racismo.

Mas não é somente por meio dos seus telejornais que a Rede Globo de Televisão busca mostrar relações raciais harmoniosas no Brasil, assim como representa os negros de forma estereotipada. Isto também tem ocorrido em uma das suas principais e mais importante produções, a telenovela. Em artigo publicado na *Revista Eco-pós*, os pesquisadores Santos e Lopes (2010) demonstram por meio de argumentos consistentes e fatos concretos que a Rede Globo de Televisão historicamente tem desqualificado os negros e a sua importância na sociedade

¹⁹ O ministro Gilmar Mendes do Supremo Tribunal Federal (STF), ao manifestar o seu voto na ADPF nº 186, ajuizada pelo Partido Democratas (DEM), confirma que os alunos de escola pública são, em princípio, pobres. Segundo o ministro: “Claro, nós temos a discussão sobre o modelo da escola pública, que é um referencial, que talvez seja até uma forma de, por figura de linguagem, entender que *as pessoas que hoje frequentam*, tendo em vista essa distorção brasileira, *as escolas públicas são, em princípio, para pessoas pobres*” (Mendes, 2012: 5-6, grifo nosso).

brasileira, assim como vem negando a existência do racismo. Não bastasse isso, em pleno mês do *Dia Nacional da Consciência Negra* no Brasil, novembro, algumas de suas novelas não somente afrontavam esse dia, mas também detratavam esse grupo racial.

Isto fica explícito, por exemplo, no caso da novela *Viver a Vida*²⁰ (que ia ao ar às 21h) no segundo semestre de 2009. Na semana do *Dia Nacional da Consciência Negra*, desse ano, a Rede Globo de Televisão exibiu, nessa novela, uma cena chocante para os seus telespectadores e humilhante para a população negra. Ao que tudo indica, essa cena visava a colocar os negros no seu devido lugar²¹ ou, simbolicamente, visava a “dar um tapa na cara” dos indivíduos pertencentes a esse grupo racial de pertença.

Mas antes de descrevermos a cena, vale ressaltar que pela primeira vez uma atriz negra iria ser formalmente a protagonista em uma novela do chamado horário nobre (das 21h) da TV Globo. A protagonista Helena, interpretada pela atriz negra Taís Araújo, era uma modelo famosa que havia se casado com Marcos (José Mayer), um homem branco e empresário rico, bem mais velho que ela. Ele era pai de três filhas, sendo uma delas também modelo, Luciana (Aline Moraes). Na trama, ambas, Helena e Luciana, viajam juntas para a Jordânia com o objetivo de desfilarem profissionalmente nesse país. Antes da viagem, Helena se encontra com a mãe de Luciana e promete a ela que irá cuidar de Luciana durante a viagem. Helena objetivava contribuir para o sucesso profissional de Luciana, que estava em início de carreira. Contudo, Luciana é uma jovem mimada que, depois

²⁰ O autor dessa novela foi Manoel Carlos, com colaborações de Angela Chaves, Claudia Lage, Daisy Chaves, Juliana Peres e Maria Carolina Campos de Almeida. Os diretores foram: Adriano Melo, Frederico Mayrink, Leonardo Nogueira, Luciano Sabino, Maria Rodrigues e Teresa Lampreia. Mas a direção geral foi de Jayme Monjardim e Fabrício Mamberti (Disponível em: <http://viveravida.globo.com/Novela/Viveravida/Creditos/0,,NLP0-17525,00.html>. Acessado em 07/07/2010.)

²¹ Segundo uma frase famosa do escritor Millôr Fernandes, no Brasil não existe racismo porque o negro sabe onde é o seu lugar.

de muitas brigas com Helena durante a viagem, é proibida por essa de retornar ao aeroporto no mesmo veículo em que Helena estava. Então, a enteada embarca de ônibus para o aeroporto com as outras modelos, mas ao longo do trajeto há um acidente com o ônibus e Luciana fica tetraplégica.

Logo depois que elas retornam ao Brasil, no capítulo que foi exibido no dia de 16 de novembro de 2009, Helena se encontra com a mãe de Luciana, Tereza (interpretada por Lilia Cabral). Essa está furiosa, mais do que isso, está com ódio de Helena não somente pelo fato de sua filha ter sofrido um grave acidente e ficado tetraplégica, quando estava sob os cuidados da madrasta, mas também pelo fato de Helena estar casada com o seu ex-marido. Numa cena que durou 10 minutos e 8 segundos, Tereza expõe todo o seu ódio contra Helena. Essa última, chorando, quase cabisbaixa e com expressões facial e corporal de reconhecimento da sua suposta culpa, ouve toda a mágoa expressa por Tereza. No diálogo entre elas (ou praticamente monólogo, uma vez que Helena quase não fala), Tereza reconhece que sua filha é uma garota minada, insegura, insuportável e passional, mas apesar disso afirma que Helena deveria ter cuidado dela, conforme haviam combinado antes da viagem. Após isso Tereza passa a acusar duramente Helena, afirmando, entre outras coisas, que: “Você [Helena] empurrou a Luciana para morte!”. Você é “petulante! É isso que você é! Petulante! Sempre foi, sempre será!”. Mais ainda, tentando indicar que Helena já tinha prática de cometer crimes, Tereza “joga na cara” de Helena um aborto que essa havia feito no início de sua carreira. Daí arremata: “Fique com seu segundo crime na consciência e tente ser feliz com eles!”. Helena, sentindo-se culpada pelo acontecimento trágico ocorrido com Luciana, pede perdão à mãe da enteada; Tereza não responde ao seu pedido de perdão. Helena, insistindo, anuncia que vai se ajoelhar para pedir perdão a Tereza, numa última tentativa de ser desculpada pela mãe da sua enteada. Então, de joelhos e chorando, Helena novamente pede perdão a Tereza. Essa não responde e depois de exatamente 20

segundos, em silêncio e olhando odiosamente para Helena, dá uma violenta bofetada no rosto da madrasta da sua filha. Mas Helena não reage ao humilhante tapa que levou no rosto. Ao contrário, passivamente resigna-se.

Pode-se imaginar que foi simples coincidência o fato de essa cena ter sido exibida exatamente na semana do *Dia Nacional da Consciência Negra*. Mas alguns programas da TV Globo, especialmente as suas telenovelas, têm histórico de não somente sub-representar os negros, como também de subalternizá-los, conforme demonstrou o cineasta e pesquisador Joel Zito Araújo (2000), algo que pode indicar a possibilidade de que a exibição dessa cena naquela semana não tenha ocorrido sem intenção. Por outro lado, mesmo sendo coincidência a veiculação de uma cena na semana do *Dia Nacional da Consciência Negra*, na qual há uma representação da população afro-brasileira segundo os pensamentos, desejos e sentimentos das elites brancas brasileiras, qual seja, de subalternidade, de passividade e de conformismo dos negros, objetiva-se consciente ou inconscientemente afrontar e/ou descaracterizar o significado desse dia histórico. Assim sendo, seria uma tentativa deliberada de retirar da data o seu significado e conteúdo transformador, libertário e de não conformismo com as relações raciais brasileiras, que até hoje são pautadas na discriminação contra os negros e, conseqüentemente, marcadas por profundas desigualdades entre cidadãos negros e brancos, entre outros, em todas as esferas da vida brasileira.

Os autores e diretores da novela *Viver a Vida* podem negar por meio das suas consciências discursivas (cf. Giddens, 1989) a intenção de desqualificar ou descaracterizar o significado do dia 20 de novembro, mas a operacionalização das suas consciências práticas (cf. Giddens, 1989), ao permitirem a exibição da bofetada de uma mulher branca no rosto de uma mulher negra (ajoelhada, chorando e pedindo perdão por uma suposta culpa que não teve), na semana do *Dia Nacional da Consciência Negra*, são fortes indícios de nossa hipótese. Some-

se a isso o fato de a cobertura jornalística da TV Globo, sobre o dia 20 de novembro de 2009, ter sido orientada por meio de uma visão culturalista da população negra, conforme demonstraram Santos e Lopes (2010).

Ao exibir essa cena em que uma atriz negra é humilhada por uma atriz branca, em pleno mês da consciência negra, a Rede Globo de Televisão indicava qual representação dos negros no Brasil os seus dirigentes (produtores, diretores de jornalismo, editores de novelas e de outros programas) e seus ajudantes, assistentes ou assessores (autores de telenovelas, programas de entretenimento, etc.) deveriam adotar. A TV Globo indicava que eles seguiriam o histórico modelo do monopólio branco sobre a representação dos negros no Brasil (cf. Bairros, 1996), apresentando-os subalternos e/ou colonizados em sentido amplo.

Essa nossa hipótese é sustentada por dois argumentos. O primeiro, cena semelhante a essa, de passividade do personagem negro(a), que é humilhado por um(a) personagem branco(a) e que não manifesta qualquer reação em defesa da sua dignidade, já havia ocorrido em outra novela das 21h da TV globo, *Pátria Minha*²². Numa cena que foi ao ar nos dias 02 e 03 de novembro de 1994, portanto, coincidência ou não, também no mês do *Dia Nacional da Consciência Negra*, Raul Pelegrini, empresário branco (interpretado por Tarcísio Meira), profere humilhantes insultos raciais contra um de seus empregados, o jardineiro negro Kennedy (interpretado por Alexandre Moreno). Raul Pelegrini expressa rispidamente contra Kennedy a sua ideologia racista de inferiorização dos negros humilhando racialmente o jardineiro negro²³.

²² Essa novela foi exibida entre 18 de julho de 1994 e 11 de março de 1995. O seu autor foi Gilberto Braga, com colaborações de Leonor Bassères, Sérgio Marques, Alcides Nogueira e Ângela Carneiro. Os diretores foram: Dennis Carvalho, Roberto Naar, Ary Coslov e Alexandre Avancini (Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-245171,00.html>). Acessado em 07/07/2010.

²³ Não vamos aqui descrever e analisar mais esse caso ocorrido em uma novela da TV Globo, até mesmo por falta de espaço. Contudo, vale ressaltar que várias organizações do movimento negro brasileiro (entre elas o Instituto de Pesquisa da Cultura Negra (IPCN), do Rio de Janeiro, o

Citamos esse fato por dois motivos simples, mas autoexplicativos segundo o nosso entendimento. O primeiro, a vítima racializada, discriminada racialmente, por um personagem branco aceita passivamente a humilhação e inferiorização racial a que foi submetida. Ou seja, como afirmamos, a vítima negra não esboça qualquer reação (assim como a personagem Helena de *Viver a Vida*), ferindo, dessa forma, a dignidade e a autoestima da população negra. O segundo motivo, a cena ultrajante para essa população mais uma vez é exibida no mês em que se comemora o *Dia Nacional da Consciência Negra*, em uma novela do horário nobre da Rede Globo de Televisão. Mera coincidência? Pensamos que não. É a consciência prática dos autores e diretores dessas novelas se operacionalizando independentemente das suas consciências discursivas (cf. Giddens, 1989).

O segundo argumento que utilizamos para sustentar a nossa hipótese, como nos lembra o pesquisador Paulo Rogério Nunes, é que a Rede Globo de Televisão tem histórico não somente de sub-representar, mas também de estigmatizar os negros. Segundo esse autor, “há uma ação deliberada para, além de sub-representar, colocar os negros e negras em patamar de desigualdade, de inferioridade. E isso é prejudicial para quem assiste” (Nunes, 2007). Como exemplo, o pesquisador Paulo Rogério Nunes (2007) cita o antigo programa humorístico *Os Trapalhões*²⁴. Recomendado para todas as faixas etárias, nele havia um personagem negro, Mussum, interpretado pelo humorista Antônio Carlos Bernardes Gomes, que contracenava com três outros homens brancos, representados como mais inteligentes e mais racionais que o personagem Mussum. Esse era representado como um cachaceiro e/ou alcoólatra

Geledés, de São Paulo, entre outras) protestaram e questionaram a Rede Globo de Televisão sobre a passividade do personagem negro ante a virulenta discriminação racial que sofreu (Cf. Folha de S. Paulo, de 07 de novembro de 1994).

²⁴ Esse programa foi exibido de 13 de março de 1977 a 27 de agosto de 1995, às 19 horas, nos dias de domingo, (Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-257341,00.html>. Acessado em 07/07/2010).

irrecuperável, estereótipo do negro irresponsável e sem perspectiva de uma vida melhor.

Tais conclusões do pesquisador Paulo Rogério Nunes (2007) sobre a sub-representatividade dos negros na mídia são recorrentes na constatação de outros pesquisadores que analisam a presença dos negros na mídia brasileira (cf. Lima, 1996/1997). E isso foi historicamente reforçado pela TV Globo no chamado horário nobre, especialmente quando essa rede de televisão buscava descaracterizar o *Dia Nacional da Consciência Negra*, conforme demonstram Santos e Lopes (2010).

Mas a divulgação do “Caso Tinga” na Rede Globo de Televisão parece contradizer toda a descrição e argumentação anteriores. Em uma reportagem aparentemente imparcial, do dia 16 de fevereiro deste ano de 2014, sobre o “Caso Tinga”, no programa esportivo *Esporte Espetacular*, que é exibido aos domingos de manhã, um dos programas que tem a maior audiência no ramo desportivo, observa-se outra perspectiva sobre como a TV Globo tratou as relações raciais. Desta vez, a rede de televisão noticiou o caso supracitado, ao que parece, sem amenizar o fato ocorrido. Divulgou-o em todos os seus principais telejornais, além de entrevistar o jogador Tinga (Paulo César Fonseca do Nascimento), por meio do programa esportivo citado anteriormente, e, ao que tudo indica, não editou as passagens da entrevista em que o jogador afirmou ser discriminado racialmente todos os dias no Brasil. Ao ser entrevistado pelo repórter Régis Rösing, numa reportagem que foi ao ar durante 11 minutos e 11 segundos, no *Esporte Espetacular*, o jogador Tinga afirmou que após o jogo ficou tão mal que passou a noite toda sem dormir. Entre outras enunciações, ele afirmou que:

Eu sou casado há mais de 15 anos [com uma mulher branca], as pessoas olham quando eu chego com a minha

esposa, que ninguém conhece a minha história, que ninguém conhece que eu era vizinho, que eu batia às seis da manhã na janela dela para o pai dela, a mãe dela, me darem [o dinheiro] da passagem para eu ir treinar. Ninguém sabe. E no olhar você sente: "lá vai o negão com uma branca, com uma loira". (...).

Repórter: “[Quais] os outros preconceitos você já sofreu?”

Cara..., ah, a gente ... Todo mundo fala da situação que aconteceu lá [no Peru], mas isso aí tem todo dia [no Brasil] cara; no olhar, num simples olhar das pessoas, isso aí tem toda hora. No nosso país tem muito, não só [discriminação] racial, [mas] social, que eu acho que é até maior né. Se você tem condições, você entra nos lugares, você está no meio dos lugares. Quando você é famoso, quando você é conhecido, ninguém diz não. Então eu sou um cara que nunca me empolguei com o futebol, eu sou um cara que nunca me empolguei com as vitórias, com as conquistas. Também não tem porque eu me abalar por uma coisa tão pequena.

Repórter: “O que você gostaria que mudasse?”

Cara... eu sei que não vamos mudar o mundo, mas se cada um começasse tentar mudar dentro de casa, já seria um ganho. Eu faço isso com os meus filhos pra caramba²⁵.

Percebe-se nessa citação que o repórter da Rede Globo de Televisão, Régis Rösing, não evitou em falar de racismo. Em realidade ele encerra a entrevista

²⁵ Extraído de: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2014/02/apos-episodio-no-peru-tinga-lamenta-racismo-no-brasil-voce-ve-no-olhar.html#atleta-tinga>. Acessado em 05 de março de 2014.

fazendo a seguinte afirmação: “Tinga, o filho da faxineira, fruto da humildade e educação que a mãe deu, o orgulho da dona Dirce, virou um pai de família. **Um brasileiro ferido pelo racismo**” (grifo nosso). Não bastasse isso, um dos apresentadores do programa *Esporte Espetacular* naquele dia, Alex Escobar, ratifica: “a nossa solidariedade ao Tinga, por esse acontecimento, e a todos aqueles que sofrem com o preconceito. Isso é absurdo, mas ainda existe”²⁶.

Em primeiro lugar, o repórter Régis Rösing parece fazer a sua entrevista com o jogador Tinga sem nenhuma orientação de cima para baixo, ou caso se queira, sem as orientações e/ou amarras impostas às redações e aos repórteres da TV Globo, quando o assunto é racismo, como as orientadas pelo livro *Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor*, do Diretor Executivo de jornalismo da Rede Globo de Televisão, Ali Kamel (2006). Segundo, o repórter assume que Tinga de fato foi insultado racialmente naquele jogo, pois pergunta: “[Quais] os outros preconceitos você já sofreu?”. Ou seja, mais uma vez ele, o repórter, foge da cartilha do mito da democracia racial²⁷ defendida no livro supracitado. Terceiro, Regis Rösing afirma que Tinga foi ferido pelo racismo. Não bastasse isso, o apresentador do programa *Esporte Espetacular* encerra a reportagem afirmando que preconceito racial é um absurdo. Considerando apenas esta recente portagem, ao que parece, a Rede Globo de Televisão indica que começando a aceitar um discurso menos cerceado sobre as relações raciais e/ou sobre o racismo.

²⁶ Extraído de: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2014/02/apos-episodio-no-peru-tinga-lamenta-racismo-no-brasil-voce-ve-no-olhar.html#atleta-tinga>. Acessado em 05 de março de 2014.

²⁷ Segundo Carlos Hasenbalg, “a noção de mito para qualificar a ‘democracia racial’ é aqui usada no sentido de ilusão ou engano e destina-se a apontar para a distância entre representação e realidade, a existência de preconceito, discriminação e desigualdades raciais e sua negação no plano discursivo” (Hasenbalg, 1996: 237). Noção que endossamos.

Conclusão

Esta reportagem sobre o “Caso Tinga”, no *Esporte Espetacular*, estaria indicando um novo paradigma sobre as relações raciais brasileiras na Rede Globo de Televisão? Ou seja, estaria esta rede de televisão passando a admitir o racismo contra os descendentes dos povos escravizados no Brasil porque eles são negros e não porque eles são pobres?

A resposta não é simples e somente pesquisas amplas e profundas poderiam indicar respostas plausíveis. Mas, *a priori*, pensamos que ainda não. Primeiro, não se pode esquecer que o “Caso Tinga” ocorreu fora do Brasil. Portanto, a acusação de racismo na reportagem da Rede Globo de Televisão não foi contra a sociedade brasileira ou as suas relações raciais, que são marcadas pelas desigualdade, discriminações e racismos. A reportagem foi contra os peruanos que haviam insultado racialmente um brasileiro. Por conseguinte, não foi sem sentido que o apresentador do programa *Esporte Espetacular*, Alex Escobar, iniciou a reportagem sobre o “Caso Tinga” afirmando de forma veemente que: “Esta semana o futebol brasileiro levou um choque, com os atos racistas feitos pela torcida do Real Garcilaso, do Peru, ao jogador Tinga do Cruzeiro. A torcida imitava macacos toda vez que o jogador Tinga tocava na bola. É um comportamento abominável!”.

Ora, a torcida do Juventude Futebol Clube já havia tido o mesmo comportamento com o próprio Tinga, em 22 de outubro de 2005, mas a reportagem da Rede Globo de Televisão não condenou de forma tão contundente a torcida do

Juventude²⁸, afirmando que o seu comportamento seria abominável, como o fez agora com a torcida do Real Garcilaso.

Segundo, em certo sentido, Tinga, ao responder a algumas perguntas do repórter Regis Rösing, sustenta e/ou legitima consciente ou inconscientemente a tese do mito da democracia racial rigorosamente defendida no livro *Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor*, do Diretor Executivo de jornalismo da Rede Globo de Televisão, Ali Kamel (2006), qual seja, de que o preconceito e/ou a discriminação social ou de classe é mais forte, maior ou mais pesada no Brasil. É a discriminação de classe que prevalece no “país das chuteiras”. Segundo Tinga: “(...) No nosso país tem muito, não só [discriminação] racial, [mas] social, que eu acho que é até maior né”.

Deve-se destacar aqui que a reportagem com o jogador foi iniciada focando o preconceito e a discriminação racial sofrida por Tinga e que este jogador até então só falava sobre discriminação racial. Mas o repórter supracitado, faz uma pergunta sobre outros tipos de discriminação que o jogador Tinga havia sofrido, abrindo espaço para o meio-campista do Cruzeiro Futebol Clube legitimar a tese defendida por Ali Kamel (2006). Contudo, não se pode esquecer de que mesmo assim o jogador Tinga afirmou que o racismo acontece toda hora no Brasil contra os negros. Mais ainda, que o repórter Regis Rösing encerrou a sua fala na reportagem afirmando que Tinga é “um brasileiro ferido pelo racismo”, algo difícil de se afirmar explicitamente nos programas da Rede Globo de Televisão, o que seria um fato novo, para não dizer revolucionário. Mas não se pode esquecer de que ele foi ferido pelo racismo dos Peruanos e não dos brasileiros.

²⁸ Extraído de: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2014/02/apos-episodio-no-peru-tinga-lamenta-racismo-no-brasil-voce-ve-no-olhar.html#atleta-tinga>. Acessado em 05 de março de 2014.

Sendo assim, o “Caso Tinga” seria mais um a confirmar a tese de que a discussão sobre o racismo brasileiro, ainda é um grande tabu na sociedade brasileira, especialmente para algumas instituições, como a Rede Globo de Televisão. E mostrar também que os brasileiros não são cegos à cor, como afirma o jogador Tinga na citação acima: “(...) E no olhar você sente: ‘lá vai o negão com uma branca, com uma loira’. (...). Todo mundo fala da situação que aconteceu lá [no Peru], mas isso aí tem todo dia [no Brasil] cara; no olhar, num simples olhar das pessoas, isso aí tem toda hora. No nosso país tem muito (...)”.

Como já afirmamos em outro texto (Santos e Silva, 2006), ao que parece, somos cegos ao racismo e às suas consequências virulentas. Discriminamos os negros, mas resistimos a reconhecer a discriminação que praticamos, conforme nos demonstra a pesquisa do jornal *Folha de S. Paulo*, segundo a qual 89% dos brasileiros concordam que a sociedade é racista e somente 10% admitem serem, eles mesmos, racistas (Turra e Venturi, 1995:13). Desse modo, podemos inferir, segundo essa pesquisa, que o racismo está no outro bairro, na outra empresa, na outra universidade, na outra cidade, no outro Estado, em outro país, entre outros, menos em nós mesmos. Ou seja, está no Peru, mas não no Brasil, por mais que dados estatísticos e fatos concretos nos indiquem nosso patente racismo, achamos que “*Não somos racistas*”, como afirma Ali Kamel (2006).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Araújo, J. Z. (2000). *A negação do Brasil. O negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Editora Senac.

Bairros, L. (1996). Orfeu e poder: uma perspectiva afro-americana sobre a política racial no Brasil. *Afro-Ásia: revista do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, Salvador*, (17), 173-186.

Couceiro De Lima, S. M. Reflexos do “racismo à brasileira” na mídia. *Revista da USP*. (32), 56-65, Dezembro/Fevereiro. São Paulo, (1996/1997).

Giddens, A. (1989). *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.

Hasenbalg, C. A. (1996). Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil. In: Maio, M. C., Santos, R. V. (org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, CCBB.

Kamel, A. (2006). *Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Mello, M. A. *Voto relativo à ADPF nº 186*. Acesso em: 21 jun. 2012. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADPF186MMA.pdf>.

Mendes, G. *Voto relativo à ADPF nº 186, de 20 de julho de 2009*. Enviado, por e-mail, pelo Gabinete do Ministro Gilmar Mendes, 2012.

Nunes, P. R. *A representação do negro na televisão*. Disponível online em: <http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?>

[option=com_content&task=view&id=633](#)

REDE GLOBO. *Viver a vida*. Cena em que Helena é esbofeteada por Tereza.

Disponível online em: <http://www.youtube.com/watch?v=RhkaK8tujA0>

Santos, S. A. dos. (2007, ago.). *Movimentos negros, educação e ações afirmativas*. Tese (Doutorado em Sociologia) – UnB, Brasília.

Santos, S. A. dos. (2006, July). Who is black in Brazil?: a timely or a false question in Brazilian race relations in era of affirmative action? *Latin American Perspectives*. issue 149, 33 (4), 30-48.

Santos, S. A. Dos., & Lopes, I. Da S. (2010). A representação dos negros na Rede Globo e na TV Brasil na semana do “Dia Nacional da Consciência Negra”. *Revista Eco-Pós*, 13 (2), 85-105.

Santos, S. A. Dos., Santos, J. V. M., & Bertúlio, D. L. (2011). *O processo de aprovação do Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010*. Brasília: INESC.

Santos, S. A. Dos., & Silva, N. O. I. da. (2006, July). Brazilian Indifference to Racial Inequality in the Labor Market. *Latin American Perspectives*.. Issue 149, 33 (4), 13-29. California-EUA.

Turra, C., & Venturi, G. (1995). *Racismo cordial*. São Paulo: Ática.